

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA**

ISABELLA MARINS CAVALIERI D'ORO

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O VESTUÁRIO NA RELAÇÃO MÃE E FILHA

BELO HORIZONTE

2017

ISABELLA MARINS CAVALIERI D'ORO

ALGUMAS OBSERVAÇÕES SOBRE O VESTUÁRIO NA RELAÇÃO MÃE E FILHA

Monografia apresentada ao Programa de Pós-graduação do
Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Dra. Cassandra França

BELO HORIZONTE

2017

RESUMO

Com o presente trabalho objetiva-se articular temas relativos ao vestuário e ao inconsciente. Parte-se do pressuposto de que o vestuário é um objeto simbólico importante para a construção da identidade do sujeito diante da sociedade e de seus membros, especialmente a família. Para tanto, parte-se dos textos freudianos que trabalham a construção do feminino na menina pela relação inicial estabelecida entre esta e sua mãe e da noção de sintoma. Além de Freud, recorrer-se-á também a Jouert e Stern, Lipovetsky e Flügel, autores de referência para a discussão do tema da moda e do vestuário e que estabelecem importantes interlocuções com a psicanálise.

Palavra-chave: Vestuário; Moda; Sintoma; Relação mãe e filha.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	4
1. RELAÇÃO MÃE E FILHA	7
2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES RELAÇÃO MÃE E FILHA.....	12
2.1. A falta constitucional e algumas saídas da menina.....	14
3. O VESTUÁRIO PARA A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA MULHER NA SOCIEDADE	17
3.1. A relação inconsciente com a roupa	24
3.2. A roupa como suporte externo na relação mãe e filha	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30

INTRODUÇÃO

Durante a graduação em Design de Moda, questionava-me sobre os significados do vestuário, sua importância para cada pessoa, a necessidade de se ad/ornar, de se mostrar ou de se esconder. Além disso, buscava entender como a forma de vestir influencia na comunicação com o ambiente e com o grupo em que cada pessoa está inserida ou gostaria de estar. Questionava também a roupa como um uniforme, como um importante aliado na construção de um personagem social e como isso atingia diretamente as pessoas e sua forma de consumo.

Fiz minha monografia de conclusão de curso sobre o vestuário feminino no século XX. Analisei como a indumentária mudou desde o início do século até os dias atuais e qual a relação entre esta mudança e a posição social que a mulher ocupava em cada época. Como conclusão deste estudo, montei uma coleção que vestiria homens e mulheres, com o detalhe de que as mulheres poderiam modificar essas roupas de acordo com o feminino que quisessem construir.

Após a conclusão da graduação, interessei-me pela área acadêmica. Na psicanálise encontrei a oportunidade de aprofundar no estudo da construção da identidade e da montagem do feminino em cada indivíduo, utilizando o vestuário como ferramenta. Especialmente, me interessei pela temática das escolhas, dos conflitos e das dúvidas das mulheres com relação ao vestuário. A hipótese da qual se parte é de que a forma como elas lidam com suas peças de roupa, como consomem, como escolhem o formato e a cor do que vão vestir e o que desejam vestir expressam indiretamente sofrimentos psíquicos, demandas amorosas e até mesmo questões maternas – o que está em jogo, essencialmente, é a construção do feminino de cada mulher.

O objetivo geral dessa pesquisa, portanto, é iniciar um estudo sobre a relação entre a moda, o vestuário e a construção do feminino em cada mulher. Para tanto, o ponto de partida é a relação entre mãe e filha como um aspecto fundamental da construção do feminino.

O objetivo específico dessa monografia é verificar se o vestuário pode ser considerado um suporte externo, utilizado pela mãe para representar normas sociais e culturais, na construção do superego da criança e para cobrir o corpo da sua filha,

sentindo-se unida a ela. Além disso, a pesquisa pretende apresentar o vestuário e a moda como uma possibilidade de fuga da menina com relação a sua mãe e seus cuidados maternos.

Assim, o que caracteriza essa monografia é a costura entre a moda como um símbolo para as mulheres e os conceitos psicanalíticos que sustentam a presença de fatores externos simbólicos, como o vestuário, para a construção de uma identidade individual ou coletiva e de laços afetivos, sociais e familiares.

Como referencial teórico será utilizada a literatura psicanalítica freudiana usando os textos *Teoria da sexualidade infantil* (1905/1949), em que Freud aponta alguns estudos sobre o desenvolvimento sexual da criança, *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924/2011a), *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925/2011b). Nesses textos, Freud explica com mais detalhes a importância da diferença entre os sexos para a construção dessa identidade pessoal e como se constrói o psiquismo a partir das relações iniciais com os pais, discutindo os conceitos de imaginário e fantasia. Nos textos Conferência XVII: O sentido dos sintomas (1916/1966c), *Conferência XXVII: Transferência* (1917/1996) e *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926[1925]1966b) ele aborda o conceito de sintoma para a psicanálise e como surgem nos neuróticos. Todos esses conceitos trabalhados por Freud são fundamentais para a construção da ideia central do trabalho

O Capítulo 1, intitulado “Relação mãe e filha pela visão freudiana”, apresenta o trajeto que a menina percorre desde a tenra infância até se tornar adulta. Foram usados alguns textos freudianos, tais como: *Teoria da sexualidade infantil* (1905/1949), “*Contribuições da psicologia do amor*” (1910/1996a), *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924/2011a), *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925/2011b), para explicar a importância da relação pré-edípica da filha com a mãe, do Complexo de Édipo e da castração. É exposto que a menina construirá sua representação do feminino a partir das identificações iniciais com a mãe e carregará por toda a vida traços do que foi construído a partir desta relação entre as duas.

No Capítulo 2, “Algumas considerações na relação mãe e filha”, é explorado o texto de Freud intitulado *Feminilidade*, de 1932, e evidenciadas as transferências amorosas pelas quais a menina passa para conseguir seu objetivo, que é ser amada e ter posse de algo que representa o falo. O final do capítulo indica uma discursão sobre as saídas da menina em relação à invasão da posição materna diante dela.

Por fim, o Capítulo 3, “O vestuário na relação mãe e filha”, inicia defendendo a ideia de que, ao longo do tempo, a história do vestuário passa a caminhar junto da história da moda, passa a fazer parte das mudanças sociais, das revoluções, dos movimentos artísticos e culturais, da guerra e pós-guerra, sempre na tentativa de construir uma imagem para se expressar, se comunicar e se posicionar, especialmente para a mulher ao longo dos anos, perante a sociedade, a sua família e a seu lugar de trabalho. Além disso, continua-se a desenvolver a ideia, com base em autores que se conectam com a psicanálise, de que a roupa entra em cena como um fator simbólico para afrouxar ou intensificar a relação intensa entre. Parte-se do ponto de que a menina é vestida pela mãe desde que nasce e que essa mãe passa seus desejos e anseios para a criança através deste ato de vesti-la. A mãe, inconscientemente, através do uso das roupas, posiciona a filha no mundo da forma que a satisfaz. No momento em que essa menina deseja se conectar com outras pessoas fora do seu lar, há um ruído na conexão mãe e filha, há um afrouxamento no laço construído entre as duas. Dessa forma, tanto para a menina como para a mãe este movimento é desconfortável, pois ambas desejam se libertar, mas não conseguem desfazer o nó totalmente, e isso ocorrerá por um tempo indeterminado ou pela vida toda, segundo Freud, (1933[1932]/1996h).

Concluo indicando que a elaboração deste trabalho permitiu-me enxergar o papel do vestuário como peculiar de cada mulher para lida com a falta, para se construir individualmente, para tornar-se mulher e para lidar com o olhar e a posição do outro. Verificou-se também a partir das leituras que o vestuário constitui-se como um suporte externo na separação da mãe em relação à filha.

1. RELAÇÃO MÃE E FILHA

A problemática sobre os estudos da relação mãe e filha e a inquietação sobre como a menina constitui sua identidade feminina a partir da relação com a mãe estão presentes em Freud. Seus pensamentos e reflexões sobre este assunto são longos e escritos desde os primeiros textos, como *Três ensaios sobre a sexualidade infantil* (1905/1949), *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924/2011a), *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925/2011b).

Inicialmente, nos textos freudianos, é colocado que o menino ama a mãe e a menina ama o pai. Em *Contribuições à psicologia do amor* (1910/1996a). Freud argumenta que as relações de amor posteriores do homem estão ligadas à relação afetiva inicial com a mãe. O homem direciona o afeto construído na relação com a mãe para outro objeto de amor na fase adulta, por exemplo, namoradas e esposa. Já em relação à mulher, Freud explica que as relações posteriores estão associadas ao primeiro amor com o pai. Ele percebeu em sua clínica com as mulheres histéricas um amor muito forte pelo pai, e conclui até então, que a mulher direcionaria esse afeto pelo pai para seus objetos posteriores de amor.

Em textos posteriores, como, *A dissolução do Complexo de Édipo* (1924/2011a), *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925/2011b), Freud compreende que, na verdade, a mãe é o primeiro objeto de amor tanto dos meninos como das meninas. É ela que amamentou, cuidou e despertou em ambos as primeiras sensações de prazer. Isso faz com que complemente sua teoria do Édipo:

O complexo de Édipo da garota pequena traz em si um problema a mais que o garoto. Inicialmente a mãe foi para ambos o primeiro objeto, não nos surpreendemos se o garoto o mantém no complexo de Édipo. Mas como chega a menina a abandoná-lo e tomar o pai como objeto? (Freud, 1925/2011b, p.288).

Ele continua seus estudos apontando nos textos *Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos* (1925/2011b) e em *Sexualidade feminina* (1931/1966g) que, na clínica, ele percebe que o pai parecia ocupar o lugar de amor principal desde o início na vida da menina. Entretanto, na verdade, o pai

parece ser o sucessor do amor intenso que era originalmente dirigido à mãe. Freud (1925/2011b) afirma que:

Uma análise mais profunda desses casos, no entanto, mostra algo distinto, ou seja, que o complexo de Édipo tem aí uma longa pré-história e é, em certa medida, uma formação secundária. (p.289).

Essa descoberta sobre a mãe ser o primeiro objeto de amor da menina permite a Freud avançar na sua compreensão sobre a construção da sexualidade da menina:

Dois fatos, sobretudo me impressionaram. O primeiro foi o de que onde a ligação da mulher com o pai era particularmente intensa, a análise mostrava que essa ligação fora precedida por uma fase de ligação exclusiva à mãe, igualmente intensa e apaixonada. O segundo fato ensinou-me que a duração dessa ligação também fora grandemente subestimada. (Freud, 1931/1996h, p.239).

Freud deixa claro que a construção de uma identidade sexual feminina é resultado particular da relação intensa com muita troca de carinho, cuidados e amor da mãe com a menina. Ele constata que essa relação já se inicia antes da passagem pelo Édipo, e que se trata de uma característica da formação da menina. O ponto de partida das considerações de Freud sobre a questão passa a ser então: se a mãe é o primeiro amor do menino e da menina “como, quando e por que se desliga da mãe?” (Freud, 1931/1996h, p.239).

Para responder a estas questões, Freud (1905/1949) aborda o tema do temor da castração, que acomete o menino, e da inveja do pênis, que acomete a:

A suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis. Tem pouca serventia para a criança que a ciência biológica dê razão a seu preconceito e tenha de reconhecer o clitóris feminino como um autêntico substituto do pênis. Já a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina do desejo de ser também um menino, tão importante em suas consequências. (p. 42)

O desenvolvimento sexual da criança avança até o momento em que o órgão genital masculino, o pênis, assume o papel principal, diante do órgão genital feminino que permanece escondido, não revelado (Freud, 1924/2011a). Esse

período descrito na citação é a fase fálica, quando a castração se faz presente, e a criança entra em uma fase de esquecimento do amor incestuoso e do desejo de unificação com a mãe, período denominado por Freud de “latência”.

Freud (1925/2011b) diz que a passagem pelo Édipo ocorre de forma diferente no menino e na menina, e é essa diferença que possibilita à menina a caminhar para a feminilidade.

Na garota falta o motivo para a destruição do complexo de Édipo. A castração já produz antes o seu efeito, que consistiu em impelir a criança para a situação do complexo de Édipo. (p.297)

Freud demonstra nesta passagem que não é a perda que move a menina a se desligar do primeiro amor, pois a menina já “é castrada”. Qual seriam, então, os motivos que fazem a menina se voltar em direção ao amor do pai e tornar-se mulher?

Freud aponta que a menina rompe com a mãe, pois descobre que já é castrada. É essa descoberta que permite que a menina caminhe em direção a uma das três saídas possíveis:

A descoberta que é castrada representa um marco decisivo no crescimento da menina. Daí parte três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal. (Freud, 1933[1932]/1996h, p. 126)

Quando a menina se depara com sua castração originária, procura o pai como o novo objeto de amor, transferindo o amor da mãe para ele, na condição de que ele possa lhe dar esse falo que a ela falta.

O desejo que leva a menina a voltar-se para seu pai é, sem dúvida, originalmente o desejo de possuir o pênis que a mãe lhe recusou e que agora espera obter de seu pai. (Freud, 1933[1932]/1996h, p.128).

Nesse novo momento, é despertada na menina a mudança com relação às zonas genitais. Deixa de lado o clitóris, que é representado como um pênis pequeno, e parte para reconhecer a vagina. Freud afirma que a menina reconhece que seu genital feminino não é revelado em relação ao do menino.

Freud continua dizendo, no texto *Feminilidade* (1933[1932]/1996h), que é essa transferência de amor para o pai que inicia a fase do complexo de Édipo na menina. Ela cria uma hostilidade com a mãe, pois nesse momento de amor com o pai tem a mãe como rival, tendo em vista que a mãe tem o amor do pai e consegue tudo o que deseja. Freud enfatiza a diferença dos complexos de Édipo e de castração entre menina e menino, que já tinha discutido em textos anteriores. Mostra que o menino consegue se ligar ao pai pela identificação anatômica do sexo.

Essa identificação só ocorreu, pois a autoridade que foi interiorizada no Eu da criança pela educação e pelas leis estabelecidas pelos pais formam o superego da criança, que nada mais é que a construção da identidade e do lado social e cultural (Freud, 1924/2011a). Pelo amor ao seu falo, o menino deixa a relação incestuosa com a mãe. Isso faz com que ele desenvolva sua identidade sexual e se torne independente.

Entretanto, a menina também encontra motivos para construir seu superego e abandonar a sexualidade genital infantil.

A separação da mãe não é causada pelo amor ao pênis e sim pela vontade de também o ter, o que instaura na menina o desejo de substituir, de alguma forma, essa falta. Diz Freud (1924/2011a):

A garota passa – ao longo de uma equação simbólica, poderíamos dizer – do pênis ao bebê, seu complexo de Édipo culmina no desejo longamente mantido, de receber do pai um filho como presente, de lhe gerar um filho. Temos a impressão de que o complexo de Édipo vai sendo aos poucos abandonado porque tal desejo não se realiza. (p.212).

Após a menina perceber que seu pai não pode dar o que ela deseja e suas satisfações não estão sendo realizadas. Ela consegue abandonar o Édipo. Mas como não consegue transformar esses desejos não correspondidos pela via da identificação com o pai, ela se volta para a mãe, que é mulher igual a ela, à procura de uma identificação feminina. Sendo assim, por se identificar com ela, a menina exige da figura materna uma representação, fica esperando dessa mãe a resposta, que mostre para ela o que a representa.

Cada menina vai construir sua feminilidade e se tornar mulher sob influência da relação com a mãe, e até mesmo com figuras femininas importantes em seu convívio, dependendo de como foi todo esse processo de idas e vindas em relação ao pai. Esses fatores serão determinantes para o futuro da menina, quando ela buscará novas ligações afetivas e novos objetos de amor. O amor pelo pai e os sentimentos pela mãe, que variam entre mágoa e afeto, irão conduzir a mulher pelo resto da vida.

A forma que cada mulher encontra para construir sua identidade feminina é compreendida por Freud como sendo uma saída, uma fuga da relação com a mãe, a qual ela demora a abandonar. Seria, portanto, uma maneira de se ver independente dessa relação.

Essa saída é denominada sintoma, que são formas que o psiquismo encontra para solucionar os conflitos e uma satisfação pulsional inconsciente.

2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES NA RELAÇÃO MÃE E FILHA

No início de seus estudos, Freud inicia falando sobre os sintomas das histéricas. Ele tinha um imenso interesse nas mulheres que apresentavam sintomas no corpo para os quais não se encontravam causas biológicas. Freud chega à conclusão de que o sintoma histérico é um incômodo psíquico, proveniente da separação entre as lembranças recalçadas e o afeto que é deslocado para algum lugar do corpo.

Em seu texto *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926[1925]/1996e), Freud explica a relação de compromisso entre Id, Ego e Superego e a formação dos sintomas que é resultado disso:

Um sintoma é um sinal e um substituto de uma satisfação instintual que permaneceu em estado jacente; é uma consequência do processo de repressão. A repressão se processa a partir do ego quando este – pode ser por ordem do superego – se recusa a associar-se com uma catexia instintual que foi provocada no id. (p.95)

Em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905/1949), Freud escreve sobre a sexualidade autoerótica do bebê e seus dois tempos, o que fica claro nas duas passagens a seguir:

Até agora, destacamos como características da vida sexual infantil o fato de ela ser essencialmente autoerótica (seu objeto encontra-se no próprio corpo) e de suas pulsões parciais serem inteiramente desvinculadas e independentes entre si em seus esforços pela obtenção de prazer. (Freud, 1905/1949, p. 43)

Pode-se considerar como ocorrência típica que a escolha de objeto se efetue em dois tempos, em duas ondas. A primeira delas começa entre dois anos e os cinco anos e retrocede ou é detida pelo período de latência; caracteriza-se pela natureza infantil de seus alvos sexuais. A segunda sobrevém com a puberdade e determina a configuração definitiva da vida sexual (Freud, 1905/1949, p. 45).

Nesses trechos, Freud explica que o bebê é carregado de sexualidade desde a tenra infância. Essa sexualidade é estimulada em contato direto e inicial com a mãe através dos carinhos, da amamentação e dos cuidados.

No momento do Édipo, o pai entra nessa relação entre mãe e bebê, com a função de interdição ao desejo de unidade da criança com sua mãe. Esse desejo não é eliminado, e sim recalçado no inconsciente, como uma repressão ou como uma negação de algo que se gostaria de ter realizado, mas não se pode. Dessa forma, aparecem os traumas.

Estes traumas que resultam da passagem pelo Édipo são um dos fatores fundantes do psiquismo. É a partir da entrada da figura paterna que o superego se constitui, e a criança passa a ter noção de pudor, de vergonha, do que é certo e errado, a partir dos ensinamentos dos pais.

Os sintomas, que são uma formação de compromisso entre o conteúdo inconsciente e a censura, surgem justamente neste contexto, tornando-se uma solução encontrada pelo sujeito para os conflitos entre seus traumas, seus desejos e a repressão desses pelo superego (1926[1925]/1996d).

Todos esses sintomas são formas fantasiosas e imaginárias que o indivíduo vai construindo para lidar com a falta e com a negação. São maneiras de satisfazer seus desejos e todo o amor que inicialmente era depositado pelos pais apenas neles (menina e menino).

Os sintomas não só vêm do que foi recalçado no inconsciente, dos desejos e do amor libidinal inicial com a mãe e com o pai que não puderam ser realizados, mas de todas as repressões que foram acontecendo ao longo da vida. Esses desejos vêm à consciência, porém de maneira que possam ser aceitos socialmente. Os sintomas, então, seriam como um “escape”, uma saída e uma forma de lidar com as questões edípicas que foram recalçadas no inconsciente.

Existe uma coisa apenas, que ele pode fazer: realizar deslocamentos, trocas, pode substituir uma ideia absurda por outra um pouco mais atenuada, em vez de um cerimonial pode realizar um outro. Pode deslocar a obsessão, mas não remove-la. A possibilidade de deslocar qualquer sintoma para algo muito distante de sua conformação original é uma das principais características dessa doença. (Freud, 1916/1996d, p.267).

3. A FALTA CONSTITUCIONAL E AS POSSÍVEIS SAÍDAS DA MENINA

Segundo Freud, das três maneiras possíveis encontradas pelas meninas, como saída de suas vivências edípicas, a saída pela feminilidade constitui-se na aceitação da falta.

Se os senhores rejeitarem essa ideia como fantasiosa e considerarem *idée fixe* a minha crença na influência da falta de pênis na configuração da feminilidade, estarei, naturalmente, sem apoio. (Freud, 1932/1996i, p.131).

Inicialmente, Freud constrói sua ideia sobre os desejos da mulher e a subjetividade feminina a partir da noção de “inveja do pênis”. Aponta que a atitude da mulher diante da sua falta é o que move as relações estabelecidas com os homens para desenvolver sua feminilidade.

No entanto, a situação feminina só se estabelece se o desejo do pênis for substituído pelo desejo de um bebê, isto é, se um bebê assume o lugar do pênis, consoante uma primitiva equivalência simbólica. (Freud, 1932/1996i, p.128).

Ele coloca a inveja do pênis como a origem da sexualidade feminina. Além disso, estabelece que na transferência do amor inicial com a mãe para com o pai, o desejo de ter um pênis foi substituído pelo desejo de ter um bebê, assim iniciando o complexo de Édipo:

Não é senão com o surgimento do desejo de ter um pênis que a boneca-bebê se torna um bebê obtido pelo pai e, de acordo com isso, o objetivo do mais intenso desejo feminino. Sua felicidade é grande se, depois disso, esse desejo de ter um bebê se concretiza na realidade;... com muita frequência, em seu quadro combinado de “um bebê de seu pai”, a ênfase é colocada no bebê, e o pai fica em segundo plano. Assim, o antigo desejo masculino de posse de um pênis ainda está ligeiramente visível na feminilidade alcançada desse modo. Talvez devêssemos identificar esse desejo do pênis como sendo, *par excellence*, um desejo feminino. (Freud, 1932/1996i, p.128).

Freud entende que a menina desloca seu amor e desejo para o pai, após a constatação da diferença anatômica entre os sexos, da inveja por não ter um pênis e também da vontade de tê-lo. Na solução do Édipo, a menina espera que seu pai lhe dê o que sua mãe não pôde lhe dar: um pênis e seu amor. Seu pai também não

pôde lhe dar, e assim ela entende que não é mais amada e que também não tem algo para amar. Com o objetivo de ser amada, a menina transfere o amor não recebido da mãe para o pai e por fim para um homem, que dará a ela um filho e amor.

No texto *Transferência*, Freud (1917/1996e) confirma a necessidade e o desejo da mulher por amar e ser amada:

Nessas circunstâncias, contudo, ficamos atônitos ao ouvir de mulheres casadas e de jovens declarações que conferem validade e a uma atitude muito peculiar para com o problema terapêutico: elas, dizem, sempre souberam que podiam curar-se somente através do amor; e, antes que começasse o tratamento, haviam esperado que, através dessa relação, iriam, afinal, ter assegurado aquilo que até então a vida lhes tinha negado (p. 442).

Na transferência do amor do seu pai para outra figura masculina, a mulher encontra sua saída. É na parceria com um homem que ela tem a chance de ter o que a mãe não lhe deu e o que não conseguiu de seu pai.

Freud diz, ao final do texto *Feminilidade* (1932/1996i), que nessa transferência da relação objetal da mulher para seu marido ela espera ser mãe do filho que terá com o cônjuge ou fazer de seu marido seu filho. Isso ocorre pela identificação que a criança tem com a mãe na fase pré-edípica, pois é nessa fase que a menina acredita que sua mãe detém a posse do falo, caracterizada pelo amor do marido.

Uma outra modificação na natureza da mulher, para a qual o casal não está preparado, pode, num casamento, ocorrer após o nascimento do primeiro filho. Sob a influência da transformação da mulher em mãe, pode ser revivida uma identificação com sua própria mãe, contra a qual ela vinha batalhando até a época do casamento. (Freud, 1932/1996i, p.132).

Nos exemplos de Freud sobre a mulher e o casamento, ele explica que é pela via do casamento que a menina transfere sua relação de hostilidade e amor com sua mãe para seu marido. Entretanto, Freud mostra que, durante sua vida, a menina ficará enraizada nesta relação mãe e filha, e, embora procure saídas para os conflitos gerados por essa relação, sempre irá sentir identificação com a mãe, buscando o amor e o falo.

Mas será que nos dias atuais, a única maneira que a mulher tem de suprir sua falta constitucional é pela via do amor? Será que outras conquistas, como a busca da sua própria identidade e o autoconhecimento, não seriam também saídas?

A forma de se vestir não poderia ser, ela mesma, uma saída no sentido da construção de sua identidade própria? Qual o papel do vestuário na resolução de algumas questões pendentes entre mãe e filha?

4. O VESTUÁRIO PARA A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA MULHER NA SOCIEDADE

O vestuário está presente na vida dos humanos desde as civilizações pré-históricas. Ele vem evoluindo e mudando de acordo com as influências sociais e culturais e com as necessidades de quem o veste.

Vinculado ao sistema da moda, o vestuário, para muitos sociólogos, filósofos e escritores, é uma relação de compromisso entre o ser humano e sua cultura e também entre a comunidade que vive.

(...) é verdade que a moda, desde que está instalada no Ocidente, não tem conteúdo próprio; forma específica da mudança social, ela não está ligada a um objeto determinado, mas é, em primeiro lugar, um dispositivo social caracterizado por uma temporalidade particularmente breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva. (Lipovetsky, 1989, p. 24).

Além da arquitetura, da linguagem, dos modos e das maneiras de se comportar, é pelo vestuário que podemos acompanhar as mudanças dos tempos, as mudanças ideológicas, culturais, e até mesmo as fantasias individuais.

Contra a ideia de que a moda é um fenômeno consubstancial à vida humano-social, afirmamos-la como um processo excepcional, inseparável do nascimento e do desenvolvimento do mundo moderno ocidental. Durante dezenas de milênios a vida coletiva se desenvolveu sem culto das fantasias e das novidades, sem instabilidade e temporalidade efêmera da moda, o que certamente não quer dizer sem mudança nem curiosidade ou gosto pelas realidades do exterior. Só a partir do final da Idade Média é possível reconhecer a ordem própria da moda, a moda como sistema, com suas metamorfoses incessantes, seus movimentos bruscos, suas extravagâncias. (Lipovetsky, 1989, p.23)

Nessa passagem, Gilles Lipovetsky confirma que o sistema da moda é o fenômeno que rompe com o passado e com a tradição. A moda da originalidade ao homem e exalta o novo em oposição ao antigo.

A moda como sistema aparece entre os séculos XV e XVI, quando o capitalismo comercial e o humanismo estavam em expansão. O capitalismo trouxe o poder de compra e o humanismo valorizou o homem, fazendo crescer o interesse pelos estudos, o desenvolvimento, a inteligência e valorização da beleza.

O sistema da moda faz o indivíduo ter prazer por mudanças em sua cultura e buscar por inovações. Dá ao homem um direito e o prazer de ser individual e não coletivo. O vestuário como sistema da moda simboliza e demarca visualmente o homem, não só por lutar contra algo que é tradicional, velho e que precisa ser mudado, mas também pela autonomia parcial sobre suas aparências.

A roupa e seus elementos estão diretamente ligados aos acontecimentos culturais e sociais, assim como estão ligados a quem se utiliza deles para mostrar em qual tempo está ou para mostrar seu posicionamento diante de algo, ressaltar a beleza de cada época ou ir contra ela.

A história do vestuário é a demonstração que mais salienta os momentos de mudanças sociais e culturais, principalmente para as mulheres.

Em épocas em que o dimorfismo sexual era regra, mulheres da aristocracia usavam roupas que modelavam seus corpos e impossibilitavam de ter uma vida ativa, afinal, não precisavam, pois a função delas era ficar em casa com filhos. Tinham empregadas que a ajudavam a se vestirem, por isso, conseguiam vestir roupas muito pesadas e fazer uso de espartilhos muito apertados. Isso as diferenciava das demais. Elas tinham quase o dever de carregar o status da família.



Figura 1 - Anuncio da revista Vertus Soeurs, 1907, mostra o corpo ideal feminino no início do século XX.

Fonte: Blackman, 2012.

No início do século XX, após a 1ª Guerra Mundial, por volta de 1920, muitas coisas mudaram. O transporte público e a bicicleta beneficiaram a mobilidade para todos. O mercado de trabalho teve que se reformar, pois havia perdido muitos homens na guerra. Muitas mulheres ingressaram nas fábricas e foram admitidas em faculdades. A vida da mulher começou a mudar radicalmente e o vestuário acompanhou:

Viram-se, assim, livres de sua própria submissão às exigências da costura no exato momento em que novas necessidades as levavam a procurar comodidades apropriadas ao modo de vestir. A contratação de operárias pela fabricação de guerra, que acarretava uma redução da criação doméstica, as atividades de caráter hospitalar e beneficente empreendidas por muitas mulheres da sociedade ou da burguesia, a substituição dos ausentes por esposas ou pais no comércio e até mesma indústria são outras tantas causas de caráter social que levaram umas e outras a mudarem seu guarda-roupa e, mais do que isso, a mudar sua perspectiva sobre o papel “representativo” da roupa. (Bouche, 2012 p.395)



Figura 2 - Operárias de indústria bélica, Reino Unido, 1918.

Fonte: Blackman, 2012.

Nesse momento, não só a roupa como corte de cabelo e a maquiagem representaram a mudança na nova maneira de viver das mulheres, acompanhando as mudanças na sociedade.

O vestuário masculino estabilizou no fim no século XIX, tendo poucas modificações com o passar dos anos. Diferente do vestuário feminino, que acompanhou as mudanças na posição social das mulheres, através dos movimentos feministas, das conquistas no mercado de trabalho. O vestuário esteve presente em todas as conquistas da mulher, ajudando a se comunicar com o mundo e auxiliando na luta pelos seus direitos.



Figura 3 - Vestido no estilo *La garçonne*, 1920., look que se tornou símbolo de uma geração, usado por mulheres intelectuais.
Fonte: Blackman, 2012.

Uma nova fase se inicia na segunda década do século XX. O pós-guerra em 1920 traz uma nova economia, uma nova cultura. Nascem modos novos de se pensar e viver. Um espírito livre surge com movimentos artísticos, músicas e danças. O estilo "*La Garçonne*" usado por mulheres, ficou famoso e representa bem esse momento em que algumas mulheres já estavam posicionando socialmente como homens. Trabalhando, estudando, votando.

O que não passara de uma sujeição às necessidades da Guerra torna-se, pouco a pouco, com hábito, uma nova maneira de viver. Entre 1920 e 1925, a roupa se adapta à situação, em seu conjunto, aceitando um estilo despojado evocativo da Belle Époque. Para uma mulher mais livre, acostumada ao trabalho, adepta do esporte e da dança, a moda se pretende prática, negligencia a cintura e o busto, encurta a saia, suprime o espartilho em prol de uma cinta-liga, inova no pijama, corta os cabelos curtos. É essa moda, encontrada pelos homens desmobilizados em suas companheiras de formas delineadas, voluntariamente jovens e com certo ar masculino, que os surpreende, mas lhes proporciona a sedução do imprevisto, o da *garçonne* de amanhã... (Boucher, 2012 p. 397).

Após a 2ª Guerra Mundial, o estilista Dior criou roupas que se aproximavam dos vestidos da Belle Époque, o chamaram de “new look”. As roupas para as mulheres eram coloridas e que traziam a feminilidade do início do século. Eram roupas que marcavam a cintura e enfatizava curvas. Muitas mulheres aderiam ao novo estilo proposto para elas, pois era elegante e trazia alegria ao luto da guerra.

Porém, outras mulheres reivindicaram essa nova moda e se posicionaram fazendo protesto a esse posicionamento do estilista. Mostraram que queriam conforto e não estavam mais à vontade de serem suporte para belas roupas e sim, queriam roupas que se adaptassem com o movimento dos seus corpos.



Figura 4 - Manifestantes em Chicago, 1947, manifestando contra o comprimento longo das saias.
Fonte: Boucher, 2007.

Com a 2ª Guerra, a indústria e o capitalismo se estenderam por quase todo mundo, as roupas sob medida passaram a serem produzidas em massa. As

Lingeries femininas também mudaram, diminuíram. Assim, não parou de desenvolver e mudar a mentalidade, gostos e a forma de consumo.

Neste momento, mulheres passam a usar calças normalmente e cada vez mais, se impõem por direitos e expõem suas vontades:

A partir de 1965, são fabricadas na França mais calças do que saias; em 1971, foram vendidos três milhões de calças compridas femininas, a passo que o numero de vestidos diminuía na mesma proporção. Trata-se, portanto, de uma corrente irreversível, correspondendo – diversas pesquisas apontam essa tendência – ao desejo mais ou menos consciente da maioria das mulheres de manifestar sua igualdade diante do homem usando a mesma roupa que ele. (Boucher, 2012 p. 417)



Figura 5 - Mulheres protestando por liberdade e igualdade, 1968. Em forma de protesto, queimaram sutiã e peças consideradas femininas.

Fonte: Madison, 2017.



Figura 6 - Mulheres protestando contra o Concurso de Miss America, em 1968.
Fonte: Madison, 2017.

O vestuário se mostra presente em muitos acontecimentos na história da humanidade, ajudando a marcar a divisão de épocas. A moda auxiliou o desenvolvimento social de jovens que se vestiam de acordo com o que era contemporâneo e ajudou as mulheres a se libertarem e a se posicionarem em relação ao que era imposto pela sociedade, aumentando uma autonomia feminina, e a separação com a tradição.

A maneira de se vestir insere-se numa história: ao mesmo tempo pessoal e determinada pelo nosso percurso, ela indica à sua maneira a margem de liberdade do indivíduo diante dos seus – da família em primeiro lugar, mas também de seus pares e de suas relações sociais. A roupa acompanha a trama da construção de si e expressa a relação com sua imagem, expondo as marcas de fracassos ou sucessos na edificação do narcisismo. Nela descobrimos o vestígio de identificações sucessivas, bem como a lembrança das primeiras relações com o outro (J. Catherine, 2007, p. 8.).

4.1. A imagem que se deseja transmitir

No ato de vestir, de mudar de estilo ou até mesmo se vestir sempre igual, há uma conexão com quem o faz. Escolher o “hoje vou assim” não é uma escolha aleatória. Sempre quando alguém se veste, tem que lidar com sua imagem vista no espelho e com olhar e aprovação do outro. O que é visto no espelho, nada mais é do que o Ego construído pela pessoa a partir do que se acredita ser ou deseja ser. No momento em que se relaciona com o outro, ela escolherá a roupa de acordo com a imagem que deseja transmitir. Assim por detrás dessas atitudes inconscientes de vestir, é possível, dentro de cada contexto e de cada sujeito, observar as questões, as angústias e alguns desejos.

Por meio de nossas roupas tentamos satisfazer duas tendências contraditórias e, portanto, tendemos a considerá-las de dois pontos de vista incompatíveis: de um lado, como meio de exibir nossos atrativos; de outro, como meio de ocultar nossa vergonha. As roupas, como artigos inventados para satisfazer as necessidades humanas, estão essencialmente na natureza de uma transação; são um expediente engenhoso para o estabelecimento de certo grau de harmonia entre interesses conflitantes. A este respeito, a descoberta ou, de qualquer modo, o uso de roupas parece, em seus aspectos psicológicos, assemelhar-se ao processo pelo qual um sintoma neurótico se desenvolve. (Flügel 1966, p. 16)

Flügel compara, nessa passagem, os sintomas em psicanálise segundo Freud, com o vestuário. Explica que o vestuário é uma forma de acordo entre duas forças opostas. A roupa cobre o pudor e ao mesmo tempo satisfaz a exibição. Isso assemelha ao que Freud diz e explica para o leitor sobre os sintomas serem uma relação de compromisso entre duas forças opostas. J. C. Flügel continua sua explicação apontando que a própria roupa pode ser uma forma de expressão dos sintomas neuróticos.

Os sintomas neuróticos, como teve a psicanálise o grande mérito de demonstrar tem também algo de transação, devido á reciprocidade de impulsos conflitantes e grandemente inconscientes. Alguns sintomas desta espécie parecem realmente servir como transação entre quase exatamente as mesmas tendências, como as que encontram expressão nas roupas. Assim, os ataques de rubor psicológicos, dos quais sofrem alguns pacientes, são, de um lado, exageros dos sintomas normais de vergonha, mas, por outro lado, como o exame psicanalítico tem demonstrado ao mesmo tempo involuntariamente chamam a atenção para o paciente e, assim, satisfazem seu inconsciente exibicionismo. Em termos desta estrita analogia, pode-

se realmente dizer que as roupas se assemelham a um perpétuo rubor sobre a face humana. (Flügel, 1966 p.16)

Ele confirma e continua defendendo que a roupa consegue satisfazer bem às funções contraditórias de vergonha e exibição. Aponta que essa vergonha está ligada ao corpo nu. As mães podam o desejo das crianças em se exhibir nuas. Com roupas mostram à criança a vergonha e o pudor, a lei e a ordem.

As roupas, segundo Flügel (1966), servem para colorir o corpo nu, satisfazendo o desejo de se mostrar para o outro. Com as roupas é possível realçar as belezas do corpo que foram escondidas. No momento que se dá conta de que se podem satisfazer tenros desejos exibicionistas com o corpo vestido, pode-se também ter sentimentos de prazer com muito menos oposição ao pudor: “É como se ambas as tendências ficassem satisfeitas com a nova evolução, a transação envolvida tornando-se, em consequência, relativamente estável” (Flügel, 1966, p. 2). François Boucher introduz seu livro “História do vestuário no Ocidente” com argumentos sobre o ato de vestir. Discute também, como Flügel, sobre o porquê das pessoas se vestirem e diz que umas se cobrem pra proteger da sensação de frio e lidar com o clima, outras por questões religiosas e místicas e outras para satisfazer o desejo de representação.

O vestuário também satisfazia um desejo de representação. Enfeitar-se com adornos era identificar-se a outra criatura: animal, deus, herói ou homem. Essa identificação, real nos primitivos é mítica nos seres evoluídos: o teatro, que se originou das representações sagradas, é a expressão fundamental desse sentimento; a criança não seria dessa forma levada a se fantasiar a fim de se adaptar gradualmente ao mundo que a cerca? (Boucher, 2012, p.13)

42 A roupa como suporte externo na relação mãe e filha

Joubert e Stern (2007) afirmam que criança é vestida passivamente pelos pais desde os primeiros cuidados. Eles expressam seus desejos e projeções, através das roupas que colocam na criança, inclusive no aspecto da identidade sexual. Além disso, as roupas tecem um forte laço com a mãe, pois sendo ela o primeiro objeto de

amor do bebê os primeiros estímulos pulsionais passam por ela, as roupinhas colocadas no corpo do bebe carregam também todo traço dessa relação de afeto intensa.

Essa relação inicial, anterior ao Édipo, da mãe com a criança é de extrema importância para o desenvolvimento do eu do bebe. A criança inicialmente não tem a noção de seu eu, ela acha que ela e a mãe são uma só. A mãe que tem a função de mostrar que a criança é um ser independente dela. A criança se reconhece pelo olhar do outro. Primeiro pela mãe, depois dos outros que irá conviver. A criança se identifica com os ideais dos pais projetados nela.

As autoras confirmam que as roupas absorvem essas memórias desses primeiros contatos maternos.

A roupinha do neném é em geral exclusividade dos cuidados maternos. A mãe ocupa-se do corpo do seu bebê, lava-o, veste-o com roupas de sua escolha, que carregam o traço de seu investimento naquele corpo. Os cuidados maternos criam um mundo sensorial rico em sensações táteis, cheiros que impregnam as roupas e os cabelos da criança. As roupas carregam o cheiro da mãe e testemunham, no corpo da criança, a atenção materna, criando assim uma continuidade com ela e afirmando o laço que as une. (Joubert & Stern, 2007, p.17)

A roupa é uma forma simbólica de ligação identificatória entre a mãe e o bebê. A forma com que a mãe veste sua filha é uma maneira de se sentir próxima daquela criança, de se ver projetada nela e de sentir que a neném é sua. É o ter que ela tanto desejou. É o que Freud quer dizer quando diz: “Sua majestade, o bebê” (1914). Ele sugere, com essa expressão, o investimento narcisístico da mãe sobre a criança retrata o investimento libidinal, principalmente da mãe sobre a criança na formação de seu ego.

Ao vestir uma roupa em sua filha, a mãe, inconscientemente, coloca sua marca, sua identidade e suas questões femininas. Faz da filha uma extensão de si própria, afinal é o ter que ela tanto desejou. Muitas mães até vestem suas filhas iguais a elas, com a mesma estampa ou o mesmo vestido, como ilustra a figura abaixo:



Figura 7 - Mãe e filha se vestem com roupas iguais.
Fonte: Pinterest, 2017.

É com o uso de roupas que a mãe expressa seus desejos e sonhos e é também através das escolhas das roupas ela iniciará a filha à vida em sociedade. Moldará uma identidade da filha de acordo com os desejos e vontades próprias e a partir de suas ideologias, crenças e cultura.

A roupa desempenha um papel, pois pode revelar em parte essas tramas inconscientes que se passam ao redor da criança. Torna-as palpáveis, passíveis de apreensão; à sua maneira, as roupas dizem à criança sobre os sonhos de seus pais referentes a ela (Joubert & Stern, 2008, p.16).

A roupa vestida pela mãe carrega significados familiares que a menina descobrirá, a partir do olhar dos outros nos ambientes posteriores de convívio. Assim ela terá que lidar com a relação identificatória construída com a mãe desde a infância para construir suas novas relações.

No momento que a criança e a adolescente passa a se socializar com o mundo, com outras crianças da mesma idade, frequentar a escola, por exemplo, haverá uma necessidade dela se identificar com o que é contemporâneo e mais próximo.

Na escola, a criança intimidada, confinada em um espaço que julga hostil, até mesmo perigoso, quer se adaptar para conquistar seu lugar. Observa e procura compreender as leis que regem aquele universo. A escola é o espaço social da criança, que quer fazer parte do grupo, e seu pertencimento a esse grupo é condicionado por certos sinais de reconhecimento, que às vezes estão em contradição com o da família. Almejar um lugar no grupo, aceitando seus códigos, regras e costumes, significa correr o risco de trair a ordem da família. (Joubert & Stern, 2007, p.24)

Para a menina submeter-se às características maternas fora do espaço familiar muitas vezes é lidar com rejeições do novo grupo. Isso poderá fazer com que a menina se interrogue sobre os códigos maternos apresentados e os novos códigos que estão surgindo.

Freud (1930/1996f) discute sobre a civilização e mostra que é necessária uma disputa entre gerações para fazer com que a geração nova exista. O adolescente tem que se posicionar perante a sua família para conseguir fazer existir como um ser individual para se construir sozinho e não mais como uma extensão, como uma continuação de seus pais: “Separar-se da família torna-se uma tarefa com que todo jovem se defronta, e a sociedade frequentemente o auxilia na solução disso através dos ritos de puberdade e de iniciação” (Freud, 1930/1996f, p.110).

É por volta desse período que a menina sentirá necessidade de se separar para construir sua feminilidade sozinha. Haverá necessidade de se adequar à sua contemporaneidade e às identificações com seus amigos.

É a adolescência que marca a segunda fase sexual, pela visão freudiana. Essa fase acontece a descoberta da sexualidade e do amor, que é descoberto a sexualidade. Diante disso, é um momento cheio de conflitos, angustias e questões. Todas as questões infantis que foram recalçadas pela entrada da figura paterna e que não foram simbolizadas e resolvidas voltam a atormentar de uma forma indireta.

Essa sexualidade não mais auto erótica e agora direcionada para um outro, estabelece uma relação entre psiquismo e corpo.

Esse corpo contemplado, aflorado e sensitivo, carrega marcas de sua época e de sua construção identificatória com os pais, inclusive com angustias e conflitos. O adolescente usa desse corpo, para se mostrar presente e se desenvolver como sujeito.

Dessa forma faz uso das roupas que nada mais é que uma segunda pele para

se mostrar, para lidar com sua imagem no momento de transição da infância para a vida adulta.

E é no momento que a menina passa a interagir com outras pessoas, a firmar vínculos identificatórios com pessoas da sua idade, que ela passará a se posicionar em relação às histórias vividas com os pais e à identificação construída com a mãe para se desenvolver livremente e construir sua personalidade feminina.

A intervenção de um terceiro nesse universo, por exemplo, através da escolha da roupa, pode verificar-se problemática: se o laço entre mãe e a criança é frágil e depende de suportes externos como a roupa ou os cuidados, a mãe corre o risco de se sentir confiscada e, até mesmo, em caso extremo, de não mais reconhecer seu filho como tal. (Joubert, 2007, p.17)

Escolhendo a maneira própria de se vestir, com a influência de outras pessoas, a menina não será mais reconhecida pela mãe, assim conseguindo marcar sua individualidade que nesse momento da vida, é de extrema importância para sua construção como sujeito e seu reconhecimento do seu eu:

(...) dessa mãe perigosa, onipotente, que só aceita o filho se ele for uma parte dela. Apagar seu vestígio, seu cheiro, para substituí-lo por outro é um sacrilégio punido com a morte. A roupa é então a marca da mãe sobre a criança, o signo de seu usufruto. (Joubert & Stern, 2007, p.18).

É uma separação dolorosa para as duas. A mãe sofre ao perceber que não tem mais o controle da filha e que não pode colocar seus anseios e suas opiniões na forma com que a filha se veste e se apresenta ao mundo. A filha também sofre, pois deixar de corresponder à demanda da mãe expõe a menina muitas vezes ao confronto familiar, criando discursões e desconforto na relação. Porém, aceitar a intromissão dos desejos da mãe garante o laço e a amizade.

Assim, entre o desejo de pertencer a sua geração e se posicionar diante de sua feminilidade, dos conceitos que foram criados por ela e o receio de falhar nas expectativas da mãe, a menina vive um confronto interno durante um período longo de sua vida ou pela vida toda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através desse breve estudo conclui-se que a forma como uma mulher se veste tem a ver com sua criação, com os conceitos e crenças passados para ela de outras gerações ou até mesmo com os conceitos que ela foi adquirindo ao longo da vida. A forma com que as pessoas lidam com o vestuário combina com a imagem que elas gostam e querem passar para os outros nas relações interpessoais; tanto dentro de um contexto familiar como nas outras relações. Assim, como Boucher (2012) afirmou, as roupas fazem parte dos diversos papéis que o sujeito precisa representar ao longo de sua vida para se identificar e se fazer existir.

Observou-se também que a moda pode ser efêmera, mas não frívola. O sujeito pode usar dela para fazer parte de um coletivo ou ser individual, para extravasar, sair da mesmice ou continuar nela. E é exatamente por ser efêmera que o sujeito se apropria dela para se reinventar e se construir.

O ato de se vestir não é aleatório. Vestir-se na moda conecta-se com prazer de ver, com o prazer de ser visto, expor-se ao olhar do outro. O vestuário não é só tecido amarrado ao corpo para proteger e para cobrir. Sempre tem um motivo inconsciente tramado junto ao tecido colocado sobre o corpo. As roupas usadas por cada indivíduo, se observadas dentro de um contexto específico, carregam infinitas questões, queixas, angústias e desejos.

Na relação mãe e filha o vestuário se mostra como um suporte externo utilizado pela mãe e pela filha para realizar seus desejos inconscientes de unificação entre as duas, esse desejo de união que foi barrado pela figura paterna no momento da construção do superego da menina. Assim, com a utilização de roupas iguais ou escolhidas pela mãe, há uma fortificação da união e igualdade entre elas, fazendo da menina uma extensão de sua mãe, uma continuação dela. Afinal, a criança é o ser tanto desejado que a mãe não quer perde-la.

Nessa relação, o vestuário também aparece como uma questão inconsciente presente na menina. Durante a infância, além de ser vestida pela mãe, a menina quer usar as roupas da mãe, a maquiagem, calçar os sapatos de salto. Isso acontece devido à traços identificatórios da filha com a mãe. As roupas da mãe carregam alguns significados para a menina, suas ideias de beleza, suas crenças e conceitos.

A filha, quando entra na adolescência, para conseguir tornar-se mulher, precisa se desvincular da mãe. Como na adolescência a representação no corpo é muito significativa devido a sexualidade estar a florada, o adolescente usa dele para se definir e se estruturar. A menina usa das roupas também, para conseguir se fazer existir como mulher e não mais como filha, mas também para agredir a mãe inconscientemente.

Assim como foi colocado por Freud, as lembranças dos cuidados maternos são recalçados, a energia e o afeto que era trocado nesses cuidados permanecendo soltos são destinados, nos casos das histéricas, para o corpo. Com o uso das roupas, que de certa forma são uma segunda pele, a menina pode fazer uso desse vestuário como uma maneira de mostrar sua revolta pela mãe, por ter lhe tirado o direito de ter o falo e não ter dado uma representação do que é o feminino, nem mostrado a ela o que representa ser uma mulher, assim como deu para o menino.

Conclui-se que, através do vestuário, cada menina se ajeita da forma que acha mais conveniente, podendo utilizar as roupas para buscar sua representação e sua identidade feminina independente do outro (mãe e familiares), pois cada mulher se acha de uma maneira, afinal não existe algo que as. A menina construirá sua personalidade feminina, como uma colcha de retalhos. Tanto a mãe represente como outras figuras de admiração, farão parte da costura inconsciente que ela fará com cada uma dessas para se montar e construir a sua própria identidade.

A roupa também pode ser usada como uma forma de extravasar as revoltas e angústias inconscientes de cada um. Fazendo dessa, a repetição diária.

REFERÊNCIAS

- Blackman, C. (2012). *100 anos de moda*. São Paulo: Publifolha.
- Boucher, F. (2102). *A história do vestuário no Ocidente*. São Paulo: Cosac Naify,.
- Flugel, J. C. (1966). *A psicologia das roupas*. São Paulo: Editora Mestre Jou.
- Freud, S. (1949). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. v. VII. Londres: Imago Publishing Co. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996a). Contribuições da psicologia do amor. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910).
- Freud, S. (1996b). Conferência XVII: O sentido dos sintomas. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XVI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1916).
- Freud, S. (1996c). Conferência XXVII: Transferência. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917).
- Freud, S. (1996d). Inibições, sintomas e ansiedade. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XX. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926[1925]).
- Freud, S. (1996e). O mal-estar na civilização. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929]).
- Freud, S. (1996f). Sexualidade feminina. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXI. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1931).
- Freud, S. (1996g). Conferência XXXIII: Feminilidade. *Edição Standart Brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XXII. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).
- Freud, S. (2011a). A dissolução do Complexo de Édipo. *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XVI São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2011b). Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos. *Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud*. v. XVI São Paulo: Companhia das Letras (Trabalho original publicado em 1925).
- Joubert C.;Stern, S. (2007). *Dispa-me!:* o que nossa roupa diz sobre nós. Rio de

Janeiro: Ed. Zahar.

Lipovetsky, G. (1989). O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades moderna. (Maria Lucia Machado, Trad.). São Paulo: Companhia das letras.

Madison, R. How the 'bra burners' of the Miss America 1968 protests left their mark on feminism. Recuperado em 20 set. 2017, de http://www.pressofatlanticcity.com/life/how-the-bra-burners-of-the-miss-america-protests-left/article_bdb08c57-b93d-58f9-a7e1-509e5c68339e.html